

Programa 4

4.1. Alfabetização e leitura do mundo para transformá-lo

Laura Maria Coutinho¹

Leitura da imagem, leitura do mundo das imagens, leitura do mundo

A paisagem humana, sobretudo a do homem das cidades, está povoada de imagens. Imagens de todos os tipos, formas, cores. Vivemos em um universo que conjuga natureza e cultura, dando a elas quase o mesmo estatuto. Há, nas cidades, locais estabelecidos para árvores e flores e locais estabelecidos para *out-doors*, cartazes e luminosos. Em meio a essa pretensa organização, que se realiza pelo menos em projeto, existem os grafiteiros pichando muros e monumentos e o mato parece querer crescer em qualquer porção de terra que sobreviva ao asfalto.

Em meio a isso devemos ler as imagens, o mundo, as palavras. Textos são apresentados com imagens que pretendem ilustrá-los. Imagens, no sentido etimológico da palavra ilustrar, dão glória, esclarecem, elucidam o texto. Para isso o texto é ilustrado. Imagens são, quase sempre, apresentadas com legendas. Assim, posso dizer que as palavras, nas imagens, adquirem a mesma função de uma imagem em um texto: dão glória, esclarecem, elucidam. Mais que isso, dão às imagens, quase sempre, o sentido da atualidade, do imediato, da cultura local, da ação proposta – quase sempre uma indicação de consumo.

Milton José de Almeida² diz que "um texto revela-se pouco a pouco, acumulando sentidos trazidos pelas palavras, pela sintaxe. A forma texto é também a forma de pensar o que o texto diz. Os significados de como elas se mostram. (...) Um texto é uma imagem. A imagem, uma gravura, uma pintura, uma fotografia revelam-se de uma só vez. Permite que o olhar, delimitado somente pelas bordas, comece a vê-la a partir de qualquer ponto, vagueie por ela em diferentes direções, permaneça onde quiser, imagine. (...) Os significados das imagens são também os significados de como elas se mostram. E aí as imagens tornam-se signos. Então, também se lê uma imagem. Uma imagem é um texto".

Esse mundo de imagens parece sugerir que precisamos de uma outra, ou outras lógicas para narrar o mundo contemporâneo. Narrar também é perceber, compreender, conhecer. Conhecemos e expressamos o mundo pela forma como o narramos. Hoje, imagens narram o mundo. Imagens paradas são cuidadosamente postas para serem vistas a uma determinada velocidade; carros, ônibus, motocicletas andam rápido. Não há muito tempo a perder. Ao contrário, as imagens em movimento devem ser vistas por pessoas paradas, sentadas no sofá de casa, ou, ainda, por aquelas que, só no instante de olhar uma tela de tevê na loja da esquina, interrompem o longo e mesmo caminho de habitantes de cidades que conhecem seus centros e periferias. O que se apresenta à visão são sempre espaços e

tempos em constante renovação de formas, em constante transformação. Talvez por isso, e se atentarmos para os detalhes, vemos que as cidades – e também o mundo – podem ser surpreendentes.

A invenção do cinema – com os instrumentos que, colocando imagens paradas em seqüência, criaram a ilusão do movimento quando projetadas em telas brancas – conformou um novo olhar. Jamais o mundo seria visto da mesma maneira. Para Pier Paolo Pasolini³ o cinema é a língua da realidade, pois transformou o real em signo e, por decorrência, em linguagem. Doravante, a realidade poderia ser registrada – ainda que de um só ponto de vista – editada e projetada, criando assim novas narrativas, novas formas de ver, de interpretar e de conhecer o mundo. As narrativas do mundo, em película ou meio eletrônico, passam a compor um "mundo-representação-de-mundo" que, em estética e política, concorre para a construção de uma nova realidade. Assim, ler o mundo hoje é também ler imagens que estão no mundo e imagens do mundo que estão nas telas. Da mesma forma, o mundo está impregnado de palavras. Na sociedade sempre mais urbanizada, talvez a leitura do mundo não preceda mais a leitura da palavra. Ler o mundo é também ler, simultaneamente, as palavras que povoam esse mundo, marcando, sinalizando, indicando.

Lembro aqui as muitas histórias sobre pessoas não alfabetizadas que, por incrível que pudesse parecer a quem já fosse acostumado ao mundo das palavras, conseguiram ou conseguiam transitar, com relativo sucesso, em uma megalópole como São Paulo, Rio de Janeiro, Belo Horizonte – gosto de pensar que em todas as cidades com mais de dois mil habitantes, todas as pessoas estão, em algum momento, de alguma forma, perdidas. No entanto, há muitas formas de marcar caminhos, não só pelas placas de sinalização das ruas – importante contribuição das prefeituras dos lugares –, mas também pelas formas dos luminosos das lojas, pelas árvores que ficam nas calçadas. As muitas leituras de si mesmo que o mundo proporciona fazem que pessoas com diferentes níveis de conhecimentos possíveis possam estar nos mesmos lugares, ainda que realizando ações diferentes.

Se quisermos pensar nas sincronicidades e no universo de diferentes situações humanas que acontecem, só no nosso país, podemos lembrar que estão documentadas em imagens muitas faces da cultura que envolve nossas raízes e tradições milenares dos povos indígenas, portugueses, africanos, que esta série de programas busca ressaltar. As imagens e sons que temos em película e em meios eletrônicos sugerem que muitas outras ainda estão por acontecer e por serem registradas. Há toda uma história a ser contada, imagens a serem mostradas, sons a serem ouvidos, de um país que pulsa em inúmeras expressões de vida e manifestações culturais. Alfabetizar, portanto, ler o mundo – as imagens e as palavras – sugere uma compreensão da cultura e do sentido de liberdade que envolve cada ato humano, individual ou coletivo. Para Amílcar Cabral, "uma apreciação correcta do papel da cultura no movimento de pré-independência ou de libertação requer uma distinção precisa entre cultura e manifestações culturais. Cultura é a síntese dinâmica, no plano da consciência individual ou colectiva, da realidade histórica, material e espiritual de uma sociedade ou de um grupo humano, síntese que abarca tanto as relações homem/natureza como as relações entre os homens e as categorias sociais. Por sua vez, manifestações culturais são

as diferentes formas que exprimem essa síntese, individual e coletivamente, em cada etapa da evolução da sociedade ou do grupo humano em questão"⁴.

As muitas imagens dos documentários cinematográficos, televisivos e videográficos, sobre o povo brasileiro, constituído de descendentes de europeus, de africanos e os próprios índios deste país, retratam a multiplicidade de manifestações culturais que constituem a cultura nacional. Imagens registradas, por meio de qualquer suporte, compõem um tipo de memória artificial. Podem ficar latentes durante certo tempo, mas podem, igualmente, despertar em outras narrativas, em outro tempo e lugar. Alguns dos vídeos propostos para esta série, como o "Educar é descobrir" e a série "Índios do Brasil", têm um pouco essa peculiaridade, embora tratando de universos bem distintos. O primeiro trata de uma situação de alfabetização de adultos em uma cidade satélite de Brasília, em 1986, e que permanece, ainda, como ação exemplar para muitos que se envolvem com o trabalho de alfabetizar adultos no Distrito Federal e fora dele. O segundo cuida de mostrar a situação de algumas nações indígenas e a forma como percebem as demais pessoas, governos e instituições e são percebidos por eles. As pessoas retratadas nos vídeos já não são as mesmas, tomaram seus rumos naturais na vida. Mas restam suas imagens, suas ações que insistem em permanecer nas fitas, até que o desgaste pelo uso e o próprio tempo se incumbam de apagá-las, como a situação real, sempre efêmera e fugidia, que deu origem a elas e que, há muito, não existe mais.

Encerro essa breve reflexão reafirmando que "as histórias apresentadas não se desenvolvem no tempo do programa [do filme, do vídeo], tiveram um tempo anterior e continuarão até um desenlace que os telespectadores não assistirão. A sua ação dramática, trágica ou cômica, com um valor de testemunho agregado, é apenas aludida. É a nossa inteligibilidade das linguagens audiovisuais que nos permite olhar cada um dos fragmentos da história apresentados e compreendê-los no seu caráter exemplar, em toda a sua extensão e complexidade"⁵.

NOTAS:

1 Professora Doutora da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília.

2 ALMEIDA, Milton José de. Prefácio do livro *Imagens da Educação no Corpo de Carmen Soares*, Campinas: Autores Associados, 1998.

3 *Empirismo Herege*. Lisboa: Assírio e Alvim, 1982.

4 CABRAL, Amílcar. *Cadernos Juventude e Cultura*. "Textos políticos de Amílcar Cabral". Ministério da Educação e Investigação Científica, Secretaria de Estado dos Desportos e Acção Escolar, Fundo de Apoio aos Organismos Juvenis, 1976.

5 COUTINHO, Laura Maria. *O estúdio de televisão e a educação da memória*. Brasília: Plano, 2003, p.74.

